

QUARENTA ANOS DE TEATRO NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UNESP

Ana Portich¹

Resumo: Este texto divide-se em duas frentes, a primeira sobre a forte presença, no Departamento de Filosofia da UNESP, de docentes e alunos que nos últimos 40 anos dedicaram-se à pesquisa sobre teatro no Brasil e no mundo. Desde 1982 vários projetos voltados para a prática teatral foram realizados neste departamento, com destaque para o Ciclo de Leituras Dramáticas, que celebra em 2022 dez anos de atividades ininterruptas sob coordenação da professora Ana Portich. A segunda parte do artigo consiste em uma experiência de criação de texto realizada de 2020 a 2022 por pesquisadores que tiveram sua formação em filosofia na UNESP. Como amostra dos exercícios de dramaturgia que surgiram dessa iniciativa, publicamos aqui a *Cena I*, de Danieli Gervazio Magdaleno; *A vanguarda no campo*, de Manoela Paiva Menezes; *A questão da terra e outras coisinhas mais*, de Ernesto Ferro Jr.

Palavras-chave: teatro brasileiro; teatro épico; filosofia.

Abstract: This paper aims to make known a theatrical tradition carried on by the Department of Philosophy at UNESP over four decades, during which many generations of students and professors have done remarkable researches on brazilian and international theater. As a result of a project of drama's public readings held between 2012-2022, some researchers who studied in the Department of Philosophy at UNESP have made dramaturgical exercises, three of them now published.

Keywords: brazilian theater; epic theater; philosophy.

Os exercícios de dramaturgia publicados aqui vinculam-se a uma tradição de teoria crítica aplicada ao teatro que se mantém há pelo menos 40 anos no Departamento de Filosofia da UNESP. Ou melhor, na medida em que tem sido fruto de uma opção programática e não apenas uma tradição assimilada passivamente, trata-se mais de um projeto levado a cabo coletivamente por várias gerações de professores e alunos que vêm passando pelo câmpus da UNESP de Marília.

¹ Professora do Departamento de Filosofia da UNESP e doutora em Filosofia pela USP, com pós-doutorado na Universidade Sorbonne (2016) e pós-doutorado na UFSCar, sob orientação de Bento Prado Jr. (2005-2007). Em 2002 realizou parte do doutoramento na Universidade Ca' Foscari, de Veneza. É autora dos livros *A arte do ator entre os séculos XVI e XVIII – Da commedia dell'arte ao Paradoxo sobre o comediante* (editora Perspectiva, 2008) e *Ensaios de teatro e filosofia: do Renascimento ao século XVIII* (editora UNESP, 2021).

O início do processo pode ser datado de 1982, quando Mário Bolognesi, tendo concluído a graduação em filosofia nesta universidade, dá início a uma pesquisa de mestrado na Escola de Comunicações e Artes da USP sobre o teatro de Vladimir Maiakóvski. No mesmo ano, Bolognesi começa a lecionar no Departamento de Filosofia da UNESP e, depois de mais de duas décadas, publica com grande repercussão sua pesquisa de livre-docência sobre o circo-teatro no Brasil de fins do século XX, intitulada *Palhaços* (editora UNESP, 2003). Em Marília, coordenava ainda um importante projeto de extensão universitária com oficinas de clown, malabares e acrobacia muito concorridas entre os alunos.

Capítulo de destaque desta saga é o ingresso de Iná Camargo Costa como professora do Departamento de Filosofia da UNESP, em 1985. Quando passou a lecionar em Marília, Iná já fazia mestrado em Filosofia na USP sobre o teatro de Dias Gomes, sob orientação de Otilia B. Fiori Arantes. Tendo defendido seu mestrado em 1988 – que em 2017 chegou às livrarias sob o título *Dias Gomes: um dramaturgo nacional-popular* (editora UNESP) – Iná Camargo Costa inicia na USP uma pesquisa de doutorado que culminará no livro *A hora do teatro épico no Brasil* (editora Paz e Terra, 1996), sobre o assim chamado teatro político no entorno do golpe de 1964. Em 1989, é aprovada em um concurso para docente da faculdade de Letras da USP e desliga-se da UNESP.

Com a transferência de Mário Bolognesi, em 2004, para o Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, as pesquisas sobre teatro na unidade de Marília entraram em hiato. Em 2010, quando me tornei professora do Departamento de Filosofia, pude dar continuidade àquele programa, pois eu havia feito uma pesquisa bastante aprofundada sobre a *A arte do ator entre os séculos XVI e XVIII: da commedia dell'arte ao Paradoxo sobre o comediante*, publicada pela editora Perspectiva em 2008, mas na UNESP minhas áreas de interesse diversificaram-se bastante, em especial quando orientei alguns alunos empenhados em estética teatral:

- Ernesto Ferro Jr. realizou um Trabalho de Conclusão de Curso que considero *sui generis* por ter discutido os limites da subjetividade como algo que possa ser compreendido concretamente, por exemplo, na montagem de cenários teatrais, mais especificamente o cenário da peça *O demônio familiar*, escrita por José de Alencar em 1857. Seu TCC, defendido em 2019, intitulou-se *A subjetividade da personagem teatral sob a ótica da cenografia brasileira do século XIX* e incluiu a feitura de duas maquetes em madeira da peça de José de Alencar, com a finalidade de ilustrar as hipóteses levantadas no texto.

- Danieli Gervazio Magdaleno e Manoela Paiva Menezes fizeram suas dissertações de mestrado sob minha orientação, tratando da crise do drama ocorrida no Brasil e no mundo a partir do século XIX. Gervazio Magdaleno centrou-se nas peças de Jean-Paul Sartre, e Paiva Menezes analisou o teatro de Oduvaldo Vianna Filho.

No período em que estudaram em Marília, os três engajaram-se em um projeto que em 2022 completou dez anos de atividade ininterrupta: o Ciclo de Leituras Dramáticas, iniciativa coordenada por mim que consiste na realização de leituras dramáticas abertas ao público em espaços da universidade com intenso fluxo de pessoas. Na primeira edição do Ciclo, em 2012, foram lidas, na biblioteca da UNESP de Marília, seis peças analisadas por Iná Camargo Costa no livro *A hora do teatro épico no Brasil: em 1958, Gianfrancesco Guarnieri, com Eles não usam black-tie*, coloca operários como protagonistas, ainda que em chave dramática. Após as conquistas formais de tendência épica em *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, e *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*, de Oduvaldo Vianna Filho, a militância sofre um refluxo até que a vanguarda se torne assumidamente conservadora na montagem de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, dirigida por José Celso Martinez Corrêa em 1967.

Já o Ciclo de 2013-2014, com a leitura de mais de 20 peças, pautou-se no referencial teórico proposto por Peter Szondi em sua paradigmática *Teoria do drama moderno*, na qual se constata que o gênero dramático entra em crise no século XIX, o que define toda a produção teatral posterior. Diante da problemática que afetou o gênero dramático, surgiram as seguintes alternativas: 1) a restauração do drama genuíno, de maneira a considerar os elementos que deformam o gênero dramático como falha técnica; 2) a incorporação de elementos díspares, exacerbando os aspectos épicos ou líricos do teatro contemporâneo.

Em 2015 foram lidas 12 peças analisadas por Miriam Garcia Mendes em seus estudos sobre *A personagem negra no teatro brasileiro: entre 1838 e 1888*, dentre as quais *Calabar*, de Agrário de Meneses, *Sangue limpo*, de Paulo Eiró, e *Cancros sociais*, de Maria Ribeiro. O teatro desse período teve dificuldade em superar a caracterização do negro como escravizado, portanto socialmente irresponsável, embora tenha havido algumas tentativas formais, a exemplo do teatro brasileiro de tendência romântica, de integrar a questão do negro ao movimento republicano em ascensão.

Nos anos seguintes, a escolha das peças para o Ciclo de Leituras Dramáticas pautou-se pelo critério de que tivessem sido estudadas por autores adeptos da teoria crítica ou que não fossem avessos a ela. Até o momento, realizamos mais de 80 leituras abertas ao público.

Em 2020 o grupo de leituras dramáticas continuou a se encontrar, mas a distância devido à pandemia. Após uma discussão conjunta sobre o livro *As veias abertas da América Latina*, propus que incorporássemos alguns dos temas abordados por Galeano e nos decidimos a ler peças que tratassem da questão agrária em um país periférico e dependente como o Brasil, dentre as quais selecionamos: 1. *A moratória* (1955) e 2. *Vereda da salvação* (1964), de Jorge Andrade; 3. *Quatro quadras de terra* (1963) e 4. *Os Azeredo mais os Benevides* (1964), de Oduvaldo Vianna Filho; 5. *O santo e a porca* (1954), de Ariano Suassuna; 6. *O coronel de Macambira* (1963), de Joaquim Cardozo; 7. *Morte e vida severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto; 8. *Mutirão em Novo Sol* (1955), de Nelson Xavier e Augusto Boal; 9. *O pagador de promessas* (1959) e 10. *A revolução dos beatos* (1961), de Dias Gomes. Como subsídio teórico para a análise de algumas dessas peças, o grupo valeu-se da tese de doutorado em Letras de Daniel L. Villas Bôas, defendida na UnB em 2009 e intitulada *Teatro político e questão agrária, 1955-1965: contradições, avanços e impasses de um momento decisivo*.

Feitas essas leituras dramáticas no ano de 2020, alguns membros do grupo, não por acaso os pesquisadores referidos acima – Manoela Paiva Menezes, Danieli Gervazio Magdaleno e Ernesto Ferro Jr. – notaram que a experiência do Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena (ativo de 1958 a 1961) pode ter sido determinante para que autores como Nelson Xavier, Augusto Boal e Vianinha encontrassem soluções formais compatíveis com o conteúdo épico por excelência que é a questão agrária no Brasil do século XX. Propus então aos três colegas de grupo que iniciássemos a redação de exercícios de dramaturgia de teor semelhante às peças que havíamos lido. O aparato conceitual de que dispúnhamos e nossas referências sobre as mais diversas soluções dramatúrgicas eram mais do que suficientes para que déssemos esse novo passo, tendo em mente que nosso propósito não seria glosar os textos lidos, mas incorporar dados relevantes e relatos variados. O material com o qual trabalhamos não foi um estudo de caso ou um fato real, foi o conjunto de peças discriminado acima, com base no qual foram elaboradas as primeiras cenas. Estas, por sua vez, tornaram-se protótipos retrabalhados pelo grupo para a concepção de novas cenas. Por aplicar este método de remissão constante a algo de externo à ação cênica, o resultado do processo extrapolou o formato de um drama.

A execução do projeto dependia de um conhecimento aprofundado em teoria do teatro, requisito a que o grupo atendia, tanto pelos dez anos de estudos e prática conjunta, quanto pela trajetória individual dos autores dos exercícios, dentre os quais de pronto me incluí; exigia ao mesmo tempo uma tomada de posição, visto que não nos interessava seguir o padrão fragmentário de categorias pós-estruturalistas, nem o modelo da assim chamada peça bem-

feita. Na concepção da primeira versão das cenas, como também em sua segunda ou terceira versões, fizemos discussões e empregamos o aparato conceitual crítico que havia ajudado o grupo a compreender o teatro do século XIX e XX no Brasil e no mundo, sintetizado pela obra de estudiosos como Peter Szondi, Anatol Rosenfeld e Iná Camargo Costa.

Na primeira etapa dos trabalhos, foram escritos seis exercícios. Na segunda, o ponto de referência já não foram as dez referidas peças sobre a questão agrária no Brasil do século XX, mas as próprias cenas escritas na etapa anterior, as quais foram reformuladas pelos demais componentes do grupo e resultaram em 11 peças curtas, reunidas em um volume de 100 páginas a ser publicado em 2023. Para este artigo, selecionamos três cenas que receberam o tratamento dialético descrito acima.

1. Cena 1, de Danieli Gervazio Magdaleno

A história tem certo ar de família com *A moratória*, de Jorge Andrade, porém, não se trata de rever a saga dos barões do café falidos em 1929, já que agora a perspectiva se inverte e os lavradores é que são os protagonistas. A queda dos preços do café é utilizada pelo proprietário da fazenda como argumento para justificar moralmente a exploração a que os trabalhadores do campo estão submetidos.

1.1. *A vanguarda no campo*, de Manoela Paiva Menezes

Se a *Cena 1* havia mostrado um ângulo da crise do café que não se restringia a expor a instabilidade da burguesia agrária em um país reduzido à exportação de *commodities*, ampliando a discussão para a própria condição de exploração do trabalhador rural, nesta peça curta a questão desloca-se para além do âmbito cênico. *A vanguarda no campo* dá diversos saltos no tempo que, diferentemente do recurso ao *flashback* empregado por Jorge Andrade n' *A moratória*, sequer fazem parte da trama porque são um fator extrateatral. Nada mais explícito do que a referência bibliográfica ao livro *Da guerrilha ao socialismo – A Revolução cubana*, que Florestan Fernandes publicou em 1980. A vanguarda no campo seria um modo de alcançar o socialismo sem passar pelo longo caminho da industrialização. O primeiro salto no tempo teria sido a Revolução cubana, em 1959, como demonstração dessa possibilidade que na época também parecia estar prestes a se concretizar no Brasil. O segundo salto no tempo verifica-se no próprio ano em que o livro de Florestan Fernandes foi publicado, quando o projeto de conscientizar o campesinato para que se efetivasse a coletivização da terra estava sepultado de há muito em nosso país. O terceiro salto no tempo é representado pelo reacionarismo da personagem que é neto da camponesa, totalmente convertido ao

empreendedorismo defendido nos anos 2020, até mesmo por candidatos à presidência considerados progressistas, ratificando assim a inviabilidade de dar um salto para o socialismo, apesar dos esforços da vanguarda.

2. *A questão da terra e outras coisinhas mais*, de Ernesto Ferro Jr.

Assim como a *Cena 1* deu protagonismo aos trabalhadores rurais e não aos proprietários de uma fazenda cafeeira, invertendo a ótica da peça *A moratória*, de Jorge Andrade, *A questão da terra e outras coisinhas mais* trata de um conflito de propriedade de terra, não do ponto de vista jurídico nem pelo viés da imprensa, mas da perspectiva de lavradores que conversam em um botequim sobre a rebelião em uma fazenda vizinha. Evidentemente não cabe fazer um drama sobre isso porque a ação já aconteceu e é somente objeto de comentário.

CENA 1

de Danieli Gervazio Magdaleno

Lado de fora de uma casa de pau a pique, vemos uma porta e uma janela que dão para o interior da casa de um único cômodo. Próximo à porta há uma mesinha com cadeira e um pilão. No horizonte há plantações de café.

Dona Chica sai da casa com uma bacia na mão, despeja seu conteúdo no pilão e começa a bater. Mário entra em cena e conversa com Dona Chica.

Mário – Bom dia, Dona Chica. Como está Seu Roberto?

Dona Chica – Bom dia, meu filho. Meu velho passou a noite sentindo dor, às vezes até gritava. Agora conseguiu dormir, por isso tô aproveitando pra cuidar das panelas que estão quase vazias.

Mário – Amanhã trago mais milho, Dona Chica. O que plantamos entre os pés de café quase não deu, não temos tempo de cuidar de outras coisas e ainda assim a colheita será pequena este ano.

Dona Chica – As coisas estão mais difíceis a cada ano, não é meu filho?! Como está a Joana?

Mário – A senhora sabe como ela é medrosa, não sabe? Estão derrubando as matas perto de casa e os bichos começaram a sair. Esta noite acordei com ela acendendo a fogueira dentro de casa para espantar a onça que rodeava. Estava que era só desespero.

Dona Chica – Depois que a cobra matou o menino ela não teve mais paz, coitada. A vida assusta mesmo, mas ela precisa confiar mais no que está guardado para cada um de nós.

Mário – É o que eu digo, Dona Chica. Agora vou colher o café, é preciso trabalhar de sol a sol para ter um teto de abrigo. Setenta por cento da nossa colheita a senhora sabe, fica com o compadre, que nunca se suja com a terra.

Dona Chica – Nossa hora ainda há de chegar. Se lembre que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.

Mário – Tento sempre me lembrar para não desanimar, Dona Chica. Agora é preciso ir. Tchau, Dona Chica.

Dona Chica – Deus te abençoe e te guarde, meu filho.

Dona Chica bate o milho no pilão com dificuldade quando Pedro se aproxima da casa.

Dona Chica – Bom dia, compadre.

Pedro - Bom dia! Como está o Roberto?

Dona Chica – Na mesma. Depois do segundo derrame já não consegue levantar e sente muita dor. É preciso ficar o dia todo ao lado da cama, se não fosse pela ajuda dos amigos eu não sei o que seria da gente.

Pedro – Pois foi disso que vim lhe falar. Já começaram a ajudar em seu cafezal?

Dona Chica – Ainda não, compadre. Eles já têm trabalho demais em suas plantações e a colheita mal começou.

Pedro – Mas assim não pode ficar, Dona Chica. Nesse ritmo o café se estraga ainda no pé.

Dona Chica – Eu ainda tenho muita força e queria estar colhendo agora mesmo, mas não posso deixar meu velho sozinho nessa situação. Os amigos vão me ajudar, mas primeiro precisam acabar suas colheitas.

Pedro – Veja bem, Dona Chica, não quero parecer insensível. Bem sabe o quanto gosto de vocês, mas as coisas este ano estão difíceis para todos. O preço do café caiu e eu quase não estou recebendo pelas sacas. Tem muitas famílias que gostariam de estar aqui, morando e plantando em pedaços de terra como esse, se a senhora me entende...

Dona Chica – Sim, compadre, pode ficar descansado que logo tudo se arranja.

Pedro – Eu espero que sim, Dona Chica. Eu espero que sim. Se a senhora me dá licença, tenho que ver como andam as coisas para os lados da mata.

Dona Chica – Inté, compadre.

Pedro sai e deixa Dona Chica cabisbaixa no pilão.

Roberto (Grita de dentro da casa) – Oh minha velha, quem está aí?

Dona Chica – Era o compadre, velho. Fique quieto, não se canse muito.

Roberto (com voz cansada e queixosa) – O que ele queria?

Dona Chica – Veio perguntar como ocê tava, como tão as coisas no café.

Roberto – Você precisa ir cuidar das nossas coisas, eu estou bem aqui, não se preocupe.

Dona Chica – Fica quieto, as coisas aqui estão todas arranjadas.

Silêncio. Depois de um tempo Dona Chica se lamenta sozinha.

Dona Chica – Minha vida inteira indo de fazenda em fazenda, construindo casa, lavrando terras, às vezes derrubando mata e agora isso. Vamos acabar indigentes. Melhor, eu vou acabar indigente, sozinha, sem casa e sem trabalho.

FIM

A VANGUARDA NO CAMPO

de Manoela Paiva Menezes

Personagens

CHICA

ROBERTO

MÁRIO

JOANA

PEDRO

MARIA

JOSÉ

NETO

Cena 1 - Conversa entre Dona Chica e Mário

Lado de fora de uma casa de pau a pique, vemos uma porta e uma janela que dão para o interior da casa de um único cômodo. Próximo à porta há uma mesinha com cadeira e um pilão. No horizonte há plantações de café.

Dona Chica sai da casa com uma bacia na mão, despeja seu conteúdo no pilão e começa a bater. Mário entra em cena e conversa com Dona Chica.

Mário – Bom dia, Dona Chica. Como está Seu Roberto?

Dona Chica – Bom dia, meu filho. Meu velho passou a noite sentindo dor, às vezes até gritava. Agora conseguiu dormir, por isso tô aproveitando pra cuidar das panelas que estão quase vazias.

Mário – Amanhã trago mais milho, Dona Chica. O que plantamos entre os pés de café quase não deu, não temos tempo de cuidar de outras coisas e ainda assim a colheita será pequena esse ano.

Dona Chica – As coisas estão mais difíceis a cada ano, não é, meu filho?! Como está a Joana?

Mário – A senhora sabe como ela é medrosa, não sabe? Estão derrubando as árvores perto de casa e os bichos começaram a sair. Esta noite acordei com ela acendendo a fogueira dentro de casa para espantar a onça que rodeava. Estava que era só desespero.

Dona Chica – Depois que a cobra matou o menino ela não teve mais paz, coitada. A vida assusta mesmo, mas ela precisa confiar mais no que está guardado para cada um de nós.

Mário – Guardado para nós, Dona Chica? Pelo jeito isso não vai acontecer nunca. Agora vou colher o café, é preciso trabalhar de sol a sol para ter um teto de abrigo. Setenta por cento da nossa colheita, a senhora sabe... fica com o compadre, que nunca se suja com a terra.

Dona Chica – Nossa hora ainda vai chegar. Se lembre que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Mário – Tento sempre me lembrar para não desanimar. Agora é preciso ir. Tchau, Dona Chica.

Dona Chica – Deus te abençoe e te guarde, meu filho.

Cena 2 – Conversa entre Dona Chica e Pedro

Dona Chica bate o milho no pilão com dificuldade e Pedro se aproxima da casa.

Dona Chica – Bom dia, compadre.

Pedro – Bom dia! Como está o Roberto?

Dona Chica – Na mesma. Depois do segundo derrame já não consegue levantar e sente muita dor. É preciso ficar o dia todo ao lado da cama, se não fosse pela ajuda dos amigos eu não sei o que seria da gente.

Pedro – Pois foi disso que vim lhe falar. Já começaram a ajudar em seu cafezal?

Dona Chica – Ainda não, compadre. Eles já têm trabalho demais em suas plantações e a colheita mal começou.

Pedro – Mas assim não pode ficar, Dona Chica. Nesse ritmo o café se estraga ainda no pé. Quem sabe eu mando seu neto de volta para ajudar?

Dona Chica – Não, ele precisa continuar os estudos e eu ainda tenho muita força e queria estar colhendo agora mesmo, mas não posso deixar meu velho sozinho nessa situação. Os amigos vão me ajudar, mas primeiro precisam acabar suas colheitas.

Pedro – Veja bem, Dona Chica, não quero parecer insensível. Bem sabe o quanto gosto de vocês, mas as coisas este ano estão difíceis para todos. O preço do café caiu e eu quase não estou recebendo pelas sacas. Tem muitas famílias que gostariam de estar aqui, morando e plantando em pedaços de terra como esse, se a senhora me entende...

Dona Chica – Sim, compadre, pode ficar descansado que logo tudo se arranja.

Pedro – Eu espero que sim, Dona Chica. Eu espero que sim. Se a senhora me dá licença, tenho que ver como andam as coisas para os lados da mata.

Dona Chica – Inté, compadre.

Pedro sai e deixa Dona Chica cabisbaixa.

Cena 3 – Conversa entre Dona Chica e Roberto

Roberto (*grita de dentro da casa*) – Oh minha velha, quem está aí?

Dona Chica – Era o compadre, velho. Fica quieto, não se canse muito.

Roberto (*com voz cansada e queixosa*) – O que ele queria?

Dona Chica – Veio perguntar como ocê tava, como tão as coisas no café...

Roberto – Você precisa ir cuidar das nossas coisas, eu estou bem aqui, não se preocupe.

Dona Chica – Fica quieto, as coisas aqui estão todas arranjadas.

Silêncio. Depois de um tempo Dona Chica se lamenta sozinha.

Dona Chica – Minha vida inteira indo de fazenda em fazenda, construindo casa, lavrando terras, às vezes derrubando mata e agora isso... Vamos acabar indigentes. Melhor, eu vou acabar indigente, sozinha, sem casa e sem trabalho.

Cena 4 – Conversa entre Dona Chica e Dona Maria

Dona Chica varre a frente da casa e Dona Maria se aproxima.

Dona Maria – Chica, ô, Chica! Como é que tá Roberto?

Dona Chica – Agora deu pra tentar levantar, viu que não saio de casa porque tenho que cuidar dele e todo santo dia insiste em querer sair.

Dona Maria – Chica, eu vim lhe ajudar, acabei minha colheita. Ô, Chica, alguém passou aqui pra conversar com você? Digo, alguém diferente... que não é dessas bandas...

Dona Chica – Maria, você caiu na conversa do homem da cidade? Ele teve aqui também. Ofereceu escola. Perguntei o que queria em troca e o desaforado me respondeu que só um copo d'água. Diz ele que isso é a revolução social, antes da conquista do poder. Um povo, junto com ele, veio viver e compartilhar a experiência com a gente. Não gostei, não... foi falando mal do compadre em seguida. E quando começou com “Não pense, Dona Chica, que não sei o que é isso”... Mande correr.

Dona Maria – Chica véia, Chica véia... o homem é de confiança! Veio da cidade agora, mas viveu aqui faz mais de dez anos, veio fugido, caçado pelo governo. Diz ele que foi aqui que aprendeu o que fazer. Não lá. Nós é que vamos fazer acontecer. O Mário espia para ninguém

atrapalhar e eu falo com todo o mundo. O resultado? A fome acaba. Mas falando no moço, olha quem vem aparecendo lá longe.

Cena 5 – A cena continua com as duas mulheres conversando quando chega o homem, chamado José. Em seguida, chega o neto de Dona Chica.

José: Boa tarde, Dona Maria! Boa tarde, Dona Chica! Estive aqui ainda outro dia, se lembra de mim? E aquele copo d'água? A senhora pode me arrumar?

As duas respondem ao “Boa tarde” com entonações diferentes. Dona Chica demonstra desconforto. Entra em casa.

Dona Maria – *(Cochichando)* Ainda é cedo, José. Pedro ainda tem credibilidade com Chica...
O neto ouve a conversa e, sem notar que sua avó está dentro da casa, na cozinha, sai da casa falando, pela porta lateral.

Neto: Quem é esse, ‘vó’? Novo funcionário do tio Pedro?

Dona Chica chega e entrega a água ao homem que numa longa golada só ouve a conversa e mata a sede.

Dona Maria *(antecipando-se a Dona Chica e aproximando-se do jovem):* Fi, como ocê cresceu, hein. Nem parece que te vi aqui pequenininho dia desses. O Mário vem chegando aí e vai gostar de te ver. Ocê lembra do Mário, meu filho? Aliage, nunca mais apareceu lá em casa para eu te contar minhas histórias, hein? Agora ocê, que é menino estudado, deve ter história pra contar. Tão inteligente e não sabe roçar um pasto. *(Ri)*

Neto: Mas sei falar português corretamente, dona Maria. Aliás, a senhora tá dizendo que é para eu roçar o pasto? Tenho mais o que fazer. A senhora parece que gosta dessa vida que leva, nada faz para mudar. Repete essas histórias e não sai do lugar. Me lembro do Mário muito bem, hoje mesmo estava pensando como alguém mais jovem pode querer continuar a levar essa vida, ele podia ter ido morar na cidade e ter estudado, ter sido alguém na vida.

Dona Chica: Ninguém aqui gosta de toda essa labuta não, menino. Não tá vendo seu vô lá no quarto? *(Cochichando)* Mas Maria, esse homi aí, não é dos nossos, não.

Dona Maria: Menino, menino... olha bem o que tu fala, menino... Quem sai do lugar é tu, né? Que veio ajudar o vô e a vó, mas fica sentado o dia inteiro olhando as paredes e não pode nem ajudar o vô e a vó a colher café. Mário começou a estudar aqui mesmo, não precisou ir longe pra ser alguém na vida. Ontem mesmo, numa prosa com José, esse mesmo que tu tanto

quer saber quem é, meu filho, o Mário, esse que tu tanto desprestigia, perguntava: o que é ser alguém na vida?

José: Ele não precisa saber quem sou, Dona Maria. Ele precisa mesmo é saber quem a senhora é, o que a senhora representa nessa terra que é sua, mas que ele acredita ser do tio Pedro simplesmente porque a senhora, dona Chica, pensa ser necessário repetir isso a todo momento.

Neto: Dona Maria? Que nem estudada é? Minha avó e esse povo não fizeram nada até hoje. *Mário, ao passar longe, vê os conhecidos reunidos, acena e acelera o passo. Carrega dois sacos, um saco de milho e outro com conteúdo até então desconhecido pelos demais. Ao chegar, imediatamente entrega um dos sacos a Dona Chica.*

Dona Chica (*Abre e espantada tira um livro*): Isso aqui não acaba com a fome, não, Mário. *Esbaforido e ansioso, Mário pega o livro da mão de Chica e lhe entrega o outro saco que contém milho. Dirige-se ao homem enquanto folheia o livro.*

Mário: Aqui! Achei, seu moço, achei o livro que peguei na escola esses dias. Já que Joana não me deixa dormir com aquele medo danado, passei a madrugada lendo. Entendi o que ocê veio fazer aqui, diz aqui (*Mário lê com dificuldade e pausadamente*): “ele já era a revolução em marcha...”

Neto: Me dê isso aqui que eu leio (*puxa o livro da mão de Mário abruptamente, lê rápido e com ar de incompreensão*). “UMA IMAGEM DO QUE SERIA O GOVERNO REVOLUCIONÁRIO GERADO PELO ENLAÇAMENTO DA GUERRILHA COM O PODER POPULAR.” (p.127)

Mário: Arra, ocê é o neto de Dona Chica?! Última vez que te vi usava fralda, nem ler sabia e agora, só porque acabou de se formar na escola, é crente que sabe ler melhor que eu? Pois num é que sabe mesmo?! (*Gargalha e pega o livro de volta para continuar a leitura*).

José: Mário...! (*Tenta interromper a continuidade da leitura, olha impaciente para Dona Maria demonstrando desconforto*).

Neto: Quem é esse homem, vó?! Veio fazer o que aqui na roça?

Mário: "OS GUERRILHEIROS SE PUSERAM FORA E ACIMA DE QUALQUER DISTÂNCIA DE CLASSE, DE DOMINAÇÃO DE CLASSE OU DE PODER DE CLASSE EM SUAS RELAÇÕES COM OS CAMPONESES." (p.128)

Neto: (*Gritando*) Guerrilheiro?! (*Desconfiado*) Por acaso esse homem também foi guerrilheiro?

Mário: *(Folheia o livro e finaliza a leitura)* “E, O QUE É MAIS IMPORTANTE, COMO PARTE DE UMA REALIDADE VIVIDA E COMPARTILHADA COM OS HUMILDES, ENVOLVENDO AQUELE ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO, ASSIM, PELA PARTICIPAÇÃO, PELO COMPROMISSO MORAL E PELA SOLIDARIEDADE POLÍTICA COM A SITUAÇÃO DE INTERESSES E DE VALORES DAS CLASSES TRABALHADORAS E DA POPULAÇÃO POBRE. O QUE QUER DIZER QUE O GUERRILHEIRO SOCIALIZARA-SE, POLITICAMENTE, PARA CONCEBER A REVOLUÇÃO SOCIAL COMO UMA ENTIDADE E UMA PROJEÇÃO DA MAIORIA, OU SEJA, COMO A NOSSA REVOLUÇÃO, A REVOLUÇÃO DO POVO” (p. 132).

José *(entusiasmado):* Assim foi a Revolução Cubana. *(Gagueja dando-se conta do perigo, demonstrando ter encontrado uma solução para uma situação, ao afirmar que é professor)* Sou professor de História. O livro é excelente, Mário. ‘Da Guerrilha ao Socialismo’, de Florestan Fernandes.

Neto: O quê? Excelente?! Respeito muito minha avó e todo o povo daqui, mas o progresso está na cidade. Aqui na lavoura com todos esses arados de mão só está o atraso do país. Se não fosse tio Pedro para me pagar escola na cidade, ainda estaria aqui feito Mário, em escola do campo com professor ultrapassado e comunista. O tio sabe dessa história de escola rural, vó? Sabe desse homem aí?

Dona Maria: Eita que esse povo estudado da cidade não consegue ter modos. E por acaso ele é dono de nossa educação? É dono de quem pisa na terra também?!

O jovem sai com ar de insolência.

Dona Chica: Ô, Maria, não leve a mal meu neto, nem ocê, viu, Mário? Ele é um bom menino, só não gosta de passar o tempo aqui. E eu, com toda a preocupação, não consigo corrigi os modo dele. Quant’ocê, seu moço, é muito bem-vindo por aqui, como são todos que chegam, mas não pense que vou aceitar malquerença com compadre, não. Acho ingratição falar mal de alguém que me ofereceu um chão pra plantar e levantar um abrigo.

Dona Maria: Ê, Chica véia, Chica véia...

José: Os amigos ajudam nas colheitas, por isso a senhora ainda não conhece os modos de seu compadre, mas já imaginou se ele resolve vender a fazenda? O novo dono é que não vai querer vocês por aqui.

Dona Chica faz cara de desgosto durante toda a conversa.

Mário: Seu moço, vamos lá pras roça que logo está na hora de parar a colheita pra tomar café. Podemos conversar com o povo.

José: Até mais tarde, Dona Maria. Passe bem, Dona Chica. Outra hora volto para ajudar o Roberto.

Dona Chica anui com a cabeça. Os dois homens saem.

FIM

A QUESTÃO DA TERRA E OUTRAS COISINHAS MAIS

de Ernesto Ferro Jr.

Personagens

Gota – trabalhador rural

Pilhéria – dono do boteco

Pedro Mula – trabalhador rural

A ação se passa em um boteco, precário e sujo, montado em uma casa de madeira junto à comunidade onde moram trabalhadores rurais, no interior de São Paulo.

Gota – Bom dia, seu Pilhéria. Bota um lavradão daquela amarelinha aí, que é pra começar bem o domingo.

Pilhéria – Eita, seu Gota, tá arretado hoje, é?

Gota – Estou não, estou até calmo. Me diga uma coisa, o amigo, que está sempre atrás desse balcão espreitando a vida de todo mundo, sabe o que estava acontecendo no fórum da cidade no meio da semana?

Pilhéria – Não ficou sabendo não, cabra? Falou até na rádio.

Gota – Pois sabe, seu Pilhéria, que nem rádio mais eu estou escutando. É tanta mentira e tanta gente metida a messias nesse mundo, que eu estou desistindo de dar ouvidos a toda essa ladainha. Estou preferindo ficar alienado.

Nisso entra Pedro Mula e abraça Gota.

Pedro Mula – Ô, Gota, agora tu veio de outro planeta, é?

Gota – Que história é essa de outro planeta, Pedro Mula?

Pedro Mula – Você disse que está alienado.

Gota – Alienado, não alienígena, sua anta.

Pedro Mula – E o que é isso então?

Gota – Alienígena é que é de outro planeta. Alienado é a pessoa que fica fora da realidade, que não sabe nem o que está acontecendo no mundo, vai só fazendo as coisas conforme lhe mandam fazer.

Pedro Mula – Entendi.

Gota – Entendeu nada, tu é burro que nem uma mula, Pedro.

Pedro Mula – Se ocê disse, está dito. Bota uma dessa igual à do Gota pra mim aí, seu Pilhéria. (*Pensa um instante olhando para o nada e prossegue*) Outra coisa que não entendo é por que chamam esse homem de Pilhéria, êta nome esquisito da bexiga.

Gota – Pilhéria significa piada, é uma coisa engraçada, é que nem troça, é que nem esse nosso Brasil.

Pedro Mula – Puxa, dessa eu também não sabia. Diga lá, seu Gota, como é que tu sabe de todas essas coisas?

Gota – Pois fique sabendo que eu estudei bastante, estava quase pra entrar pro avançado, mas daí a situação em casa ficou complicada e eu tive que largar os estudos para trabalhar dobrado e ajudar a família.

Pedro Mula – Puxa, seu Gota. Quer dizer então que mesmo o senhor tendo estudado, sabendo ler e escrever, acabou aqui nesse roçado sem jeito, onde ninguém tem alento?

Pilhéria (*servindo a pinga a Pedro*) – Nisso seu Mula está certo, aqui está todo mundo com a água pra riba dos olhos, e não tem jeito não, como pra quem está se afogando jacaré é tronco, o negócio é abraçar o bicho.

Gota – Pra você ver, Mula, nada é fácil. Eu bem que queria ter continuado os estudos, ser alguém na vida. Eu li tantos livros e tinha mais um tanto que ainda queria ler, mas agora não consigo mais. Chego em casa arreventado do trabalho que só quero é descansar, pra no outro dia aguentar o tranco de novo.

Pedro Mula – É até de estranhar ver um cabra que lida assim com a lavoura dizer que já estudou e leu um tanto de livros.

Gota – Estranhar por que, homem? Quem foi que te disse que a pessoa simples, o trabalhador, o camponês, o operário tem que ser um estúpido, um ignorante, que não pode se interessar por política, por história, por assuntos importantes e que tem que pensar só em carnaval, futebol, cachaça e fuxico?

Pedro Mula – É, isso bem que é verdade. Até parece que o governo não se preocupa em dar escola para as pessoas que mais precisam.

Gota – Não quero ser pessimista, mas pelo que anda acontecendo por aqui, logo nem escola vai ter mais. Quem quiser estudar vai ter que pagar e como o pobre não está ganhando nem para comer, vai pagar escola de que jeito?

Pilhéria – O pior é que o amigo está certo, a coisa não está fácil não. Os mais otimistas andam dizendo que logo o povo vai ter que comer bosta e os mais pessimistas estão dizendo que a bosta não vai dar pra todo mundo.

Gota – Eu fico pensando se existe um jeito de mudar essa situação de miséria e de exploração de toda essa gente. Não vejo saída, é como tu disse, Pilhéria, pra quem está se afogando jacaré é tronco, o negócio é abraçar o bicho.

Pedro Mula – Talvez se o Gota tivesse estudado tudo o quanto queria, nem estava aqui tomando cachaça com essa gentinha. Estava lá no bem bom, bebericando vinho importado, cercado de intelectual com aquelas prosas que nem eles mesmo, nem o diabo entende.

Gota – Por mim eu até acabo me conformando, principalmente sabendo que o que tem de almofadinha por aí, com terno, gravata, cheio dos diplomas, que não conhecem da vida um dedinho do que eu conheço.

Pedro Mula – É, isso bem que é verdade. Hoje em dia tem gente que não sabe se a mandioca sai de dentro da terra ou se pende em árvore. Deve de ter criança na cidade que não sabe nem que existe galinha e vaca, e pensam que o ovo e o leite brotam das prateleiras do mercado. Mas também é verdade, seu Gota, que a gente pelega por demais nessa vida simples e humilde.

Gota – Não se avexe não, Mula, pelegar, a gente pelega, e muito, mas fique o senhor sabendo que simplicidade não é pobreza, é riqueza de espírito e humildade não é estultícia, é sabedoria pura.

Pedro Mula – Êta, cabra que fala bonito que só, podia até ser doutor. Mas mudando de assunto, do que vocês estavam falando mesmo, por que chegaram no tal do alienado?

Gota – Era da confusão que aconteceu no fórum esta semana. Estava perguntando ao Pilhéria se ele sabia de alguma coisa.

Pedro Mula – É, eu bem que ouvi falarem que veio até doutor da capital pra tratar do caso daqueles meeiros lá da fazenda dos Neves.

Pilhéria – Pois era o que eu ia dizer pro Gota. Parece que o Capitão Neves está querendo tirar aquele povo de lá, pra poder formar pasto e encher todo aquele capão com gado de corte. Ele já tem até uma boiada encomendada lá de Goiás.

Gota – Mas se isso acontecer, o que vai ser daquela gente? Tem bem umas trezentas famílias produzindo de tudo naquele chão.

Pilhéria – Então, essa é a questão que os homens estão discutindo na justiça. E tudo ficou pior, depois que correu o boato de que os trabalhadores da fazenda estavam ameaçando o juiz, o prefeito e os políticos da cidade, até com soltura de bomba no fórum.

Gota – Pois eu não estava sabendo de nada disso. Mas enfim os cabras fizeram isso mesmo, jogaram bomba na casa do homem da capa preta?

Pilhéria – Pelo que ficou esclarecido, quem fez as tais ameaças foi gente de muito dinheiro, gente que tem interesse em causar baderna pra colocar a culpa nos trabalhadores e chamar a atenção do governo, que também está mancomunado com os homens dos bois, e daí meter a polícia pra tirar toda gente das terras.

Gota – E como é que descobriram que foi tudo armado pra cima dos lavradores?

Pilhéria – Estão dizendo que foram uns jornalistas que conseguiram umas gravações de gente ligada ao próprio governo, frigoríficos e donos de gado, ameaçando o juiz, os vereadores, o prefeito e mais outros cabras aí.

Gota – Essa história de jornalista, político, doutor, igreja, justiça, não leva a nada não, é tudo uma corriola de vendido. Parece que essa questão da divisão de terras neste país nunca vai ter solução. Quem mais trabalha e produz o que é bom pro nosso povo viver é quem menos tem direito de ficar na terra.

Pilhéria – Pois é o que os advogados dos meeiros estão tentando mostrar pro juiz. Que em vez dele mandar tirar essa gente da fazenda ele devia era lotear a terra e deixar cada um no seu lugar, trabalhando e produzindo, e arranjar um jeito dessa gente pagar pro Neves pelos lotes, pra poderem tocar a labuta em paz. Mas não sei não, o capitão é sovina demais.

Pedro Mula – Pois deve de ser mesmo. Pra ter conseguido comprar tudo isso de terra tem que ter muito dinheiro e pra ter tanto dinheiro assim, tem que ser muito sovina.

Gota – Arre, égua! Lá vem o Pedro Mula com mulice de novo. Que comprar nada. Essas terras são todas griladas, esses caras que se dizem proprietários de um monte de chão por aí não pagaram nada pelas fazendas das quais se acham donos legítimos. Todo esse chão não era para ter dono, mas ser terra de ninguém, para enfim ser de todo e qualquer um que nela trabalhasse e tirasse seu sustento e de sua família. Esses grileiros chegam com seus capangas, fincam uns palanques, passam uns fios de arame e pronto, a terra é deles. O que talvez eles comprem ou arrochem na força é o oficial do cartório, outro almofadinha que só pende pras bandas de quem tem dinheiro.

Pedro Mula – Não deve de ser tão fácil assim, Gota. A Justiça não ia permitir isso. Está vendo aí o que estão tentando fazer com a fazenda dos Neves? Até os jornalistas estão querendo ajudar os camponeses.

Gota – De uma coisa vocês podem estar certos, a troco de nada, prefeito, vereador, jornalista, doutor, advogado, juiz, ajuda quem precisa. Essa corja sabe muito bem como arquitetar as coisas, e fazem sempre de forma que pareçam bonzinhos pra depois sugarem tudo que podem. E quer saber mais, desce outro lavradão aí pra encerrar essa pilhéria, seu conversa, digo pra encerrar essa conversa, seu Pilhéria.

FIM

RECEBIDO EM 27/11/2022

APROVADO EM 15-12-2022